

O ENSINO ATRAVÉS DA FILOSOFIA E A VONTADE DE POTÊNCIA: POR UM ENSINO LIBERTADOR

TEACHING THROUGH PHILOSOPHY AND THE WILL TO POWER: FOR A LIBERATING TEACHING

Rodrigo Monteiro Gimenez de Oliveira¹

Resumo: Este trabalho permeia pelo conceito Nietzscheano acerca de Vontade de Potência sobre o sistema educacional na atualidade, visando um Ensino de Filosofia mais ativo e efetivo. Onde o pensamento filosófico de Friedrich Nietzsche e de outros filósofos acabam por abordar trechos da história na construção do ensino da filosofia. Mostrando que pode existir a possibilidade de um ensino de filosofia libertador, que acabe por ser uma mola propulsora para além ensino bancário e que seja uma possibilidade plausível. Também faremos uma comparação sobre o pensamento de Friedrich Nietzsche e Lilian Bacich. A Revisão bibliográfica realizada neste trabalho baseou-se no conceito de Vontade Potência atrelado ao ensino libertador almejando transpor certas barreiras aplicadas ao ensino contemporâneo, permitindo que o aluno alcance a autonomia de seu próprio saber com criticidade, assim sendo o autor de seu próprio querer.

Palavras-chaves: Friedrich

¹ Professor na escola Prof. Jair Barth em Itapetininga

Nietzsche; Ensino de Filosofia; Vontade de Potência; Ensino Libertador; Quebra de Paradigmas; Aluno Protagonista; Aprendizagem Criativa; Lilian Bacich.

Abstract: This work permeates the Nietzschean concept about the Will to Power on the educational system today, aiming at a more active and effective Teaching of Philosophy. Where the philosophical thought of Friedrich Nietzsche and other philosophers end up approaching excerpts from history in the construction of the teaching of philosophy. Showing that there may be the possibility of a liberating teaching of philosophy, which turns out to be a driving force beyond banking education and which is a plausible possibility. We will also make a comparison about the thought of Friedrich Nietzsche and Lilian Bacich. The bibliographic review

carried out in this work was based on the concept of Will Power linked to liberating teaching, aiming to overcome certain barriers applied to contemporary teaching, allowing the student to reach the autonomy of his own knowledge with criticality, thus being the author of his own will.

Keywords: Friedrich Nietzsche; Philosophy Teaching; Will to Power; Liberating Teaching; Breaking Paradigms; Student Protagonist; Creative Learning; Lilian Bacich.

INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi um dos filósofos mais notáveis de seu tempo, sempre provocativo e audacioso. Citado por diversos outros filósofos, tema de estudos frequente entre filósofos contemporâneos

os, seu ímpeto pela crítica sem medos, possibilitou a revelação do “submundo” da nossa civilização, “[...] denunciou a mesquinhez e a trapaça ocultas em nossos valores mais elevados, dissimuladas em nossas convicções mais firmes, renegadas em nossas mais sublimes esperanças” (ACOSTA, 2017, p. 181 apud GIACÓIA, 2000, p. 6).

Nietzsche com sua clareza acaba por atingir a filosofia como um todo. Impossível não ficar indelével a tamanha personalidade e clareza de ideias, os sentimentos são os mais controversos possíveis, estão desde a repulsa completa até o encanto total por sua eloquência sem precedentes. Em um trecho do seu livro *Ecce Homo* escreve: “Quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar das alturas, um ar forte. É preciso ser feito para ele, senão há o perigo nada

pequeno de se resfriar?” (NIETZSCHE, 2008, p. 16). Claramente não é para todos, contudo para Nietzsche, o ato de pensar ou filosofar compreende uma espécie de exercício que liberta a mente, mas que em contrapartida se enraíza na vida.

Mesmo com toda a controvérsia em torno de suas obras, uma coisa é certa: tudo faz muito sentido e é lógico, o que torna suas ideias tão perturbadoras para alguns. Atualmente, percebemos o sistema educacional com um currículo muito ‘engessado’ ou limitante, algo totalmente incoerente com a nossa ‘Vontade de Potência’, segundo Nietzsche. A hipótese hoje é em uma crença que foi adotada a muito tempo, nosso ensino bancário.

As ideias implacáveis de Nietzsche acabaram por afetar radicalmente a base do pensamento e em parte até mesmo

a tradição filosófica ocidental, assim, nem mesmo o âmbito educacional pode ficar de fora dessa avalanche do pensamento Nietzscheano. Entretanto, seus textos sobre a educação acabaram por ficar como coadjuvantes, assim, diminuídos e desprezados para outra instância, então ele tornou-se muito mais reconhecido como um pensador “oportuno”, que teve como uma de suas principais colocações a morte de Deus e ainda anunciou o surgimento de um “Super Homem” (Übermensch), aquele que diz “sim” ao seu destino, sim ao que ele chamava de eterno retorno, sim a vida como ele é (amor fati) e à transvaloração de todos os valores. Então podemos dizer que Nietzsche é sem dúvida um pensador fundamental.

Falaremos também um pouco sobre as experiências vividas por Nietzsche na área da

educação, o que ele pode ter percebido a respeito, suas ideias e críticas ao sistema de ensino de sua época, além de uma comparação entre seu pensamento e o de Lilian Bacich, bem como a citação de outros autores e suas ideias como forma de complementar este estudo.

Metodologia

A metodologia usada para realização desse trabalho foi majoritariamente a leitura de diversos livros e artigos científicos que estão descritos nas referências, contudo, também foi utilizado conhecimento prévio adquirido anteriormente em outras formações individuais.

Também usei um método de comparação entre dois pensadores de tempos completamente diferentes para elevar ainda mais o assunto tratado neste

trabalho acadêmico.

Nietzsche, a Educação, Suas Críticas e Influências

Friedrich Nietzsche se autodenominava como “dinamite”, teve experiências no meio acadêmico, ministrou aulas por aproximadamente uma década na universidade da Basileia (1869-1879), sendo o então Professor de Filologia. Assim obteve acesso e pode conhecer de perto a metodologia educacional da época, possibilitando-o a fazer diversas análises e consequentemente críticas aquela educação, a filosofia e ainda a cultura da época. Seu constante olhar crítico trouxe à tona o que poderíamos chamar de “apequenamento do homem”, tudo isso por causa da displicência dos centros educacionais da Alemanha e seus métodos supostamente inade-

quados. Nietzsche em suas mais profundas reflexões, acreditava que as instituições e os estabelecimentos de ensino eram horríveis, que eles acabavam contribuindo para uma massificação e alienação na mediocridade da população, acabando por produzir uma confusão intencional. No artigo escrito por VELASCO intitulado “A filosofia e seu ensino: reflexões a partir da perspectiva Merleau-pontyana sobre filosofia e história da filosofia” podemos ver algumas ideias interessantes de Nietzsche;

sustenta que o homem passou a procurar a verdade e a cultuá-la, apegando-se à razão, à consciência, à religião, ao instinto social, à história. Mas, para o autor, o intelecto serve à vida, não conduzindo para além desta. Assim sendo, não há como pensar o co-

nhecimento desvinculado da vida a que ele serve. O homem que prefere a verdade à vida o faz de maneira sacrificial: a vida deserta a si mesma para sustentar tal idolatria pela verdade, esquecendo-se como experimentação de perspectivas. (VELASCO, 2014, p. única)

Suas principais reflexões sobre o tema, foram em sua fase de juventude, coincidentemente na maior parte do tempo era a fase em que ministrava aulas de filologia na universidade da Basiléia.

Essa é a base onde Nietzsche alicerça suas ideias sobre a educação, a cultura e principalmente sobre a filosofia, fazendo praticamente uma avaliação sobre o mundo moderno, e em sua análise acabara por reiterar as

ideias modernas. Vale salientar que naquela época a Alemanha, se mostrava como uma nação totalmente unificada, fazendo com que o quadro político despertasse em Nietzsche uma grande inquietação quanto a forma com que o povo era doutrinado e induzido nesse processo de centralização. Além disso, conforme ANTÔNIO em seu livro “Filosofia da Educação”, escreveu muito bem quando disse:

“Nietzsche criticava veementemente os valores sociais de sua época. A seu ver, esses valores tinham origens em civilizações remotas, como a grega, e baseavam-se em princípios religiosos em que a maioria das pessoas já não acreditava.” (ANTÔNIO, 2013, p. 74)

Todas as críticas e análises

lises de Nietzsche daquele período visavam desmoralizar aquela espécie de otimismo vulgar e já pré-estabelecido dos modernos, por conseguinte, também se coloca contra aquele sentido que podemos chamar de trágico grego, que por fim renuncia ao pessimismo de Schopenhauer. Desta maneira, Nietzsche via nessa cultura uma espécie de complacência para com a mediocridade e a barbárie, também contida nos valores dos modernos, efeitos muito emergentes na educação da época. Estudantes permaneciam na ignorância e no conformismo sobre questões como filosofia ou até mesmo questões sobre o sentido da própria vida. Essa postura de desaprovação radical chegou até grandes intelectuais da época, considerados por muitos como eruditos, ou seja, aqueles que deveriam ser os profissionais que tinham a “missão”

escusa de educar principalmente para a complacência e a submissão. Vale ressaltar aqui que Nietzsche acreditava que o eruditismo poderia ser algo danoso para nossa existência, pois é um saber que não tem necessariamente um vínculo com a vida em si. Podemos dizer de maneira distinta que a erudição não é sinônimo de prejuízo, mas o que ele realmente quer dizer é sobre o exagero, que poderia acarretar diversos problemas e inquietações desnecessárias e inconvenientes para nossa existência.

Contudo, as críticas de Nietzsche que vão de encontro a toda essa pobreza educacional e filosófica da época, parte de suas críticas, surgem de sua própria vocação pedagógica. No começo do ano de 1872, Nietzsche realiza algumas conferências, conferências essas que foram ministradas por Nietzsche no “Akademis-

ches Kunstmuseum” na Basileia, obtendo um grande público de jovens estudantes, eruditos e grandes personalidades da época. Se observarmos a análise de Nietzsche à educação e ao projeto pedagógico moderno de forma geral, veremos que ele foi demasiadamente influenciado pelo racionalismo científico atrelado ao iluminismo, pela pedagogia do método e inclusive por uma centralidade do princípio de subjetividade, consequência de uma visão cartesiana do sujeito racional, criador e gerador de conhecimento.

Acaba por ficar claro a influência de Kant sobre Nietzsche, vemos em diversos textos Kant como sendo um personagem recorrente, apesar de nem sempre ser aclamado, não se pode negar sua influência, principalmente neste conceito da educação. Pelo fato de haver vários

contrapontos, levaram alguns a crer que Nietzsche teria “radicalizado” o projeto Kantiano. Mas Kant acreditava que a educação era uma espécie de processo da evolução humana, que tinha a pretensão de buscar a autonomia do sujeito; aquele que tenha condições de atitudes morais, tendo em vista a formação de um sujeito autônomo. Contudo, Nietzsche critica essa ideia de autonomia do sujeito racional como uma mera ilusão, visto que, para ele, o ser humano é um ser composto de múltiplas forças, desejos e impulsos, que não podem ser reduzidos a uma racionalidade abstrata.

Nesta mesma linha de pensamento, Nietzsche, ainda jovem, inicia seu modo “Schopenhauer” por assim dizer como um educador, julgando aqueles que preferem viver sendo guiados sem qualquer expressão própria, assim como animais de

rebanho, que com preguiça não conseguem nem ao menos se alegrar por si só. “Mas o que obriga o indivíduo a temer [...], a pensar e agir como animal de rebanho e não se alegrar consigo próprio?”

Mais, adiante continua a atacar aqueles que com opiniões postizas temem o modo de uma “[...] honestidade e uma nudez absolutas”. (ACOSTA, 2017, p. 184 apud NIETZSCHE, 2003, p. 138). Em outras palavras. “temem sua maioria”.

Aqui já podemos concluir o raciocínio, onde podemos dizer que o projeto denominado “moderno” da educação visava uma espécie de emancipação para o homem da sociedade através da educação. O homem só será habilitado a emergir de sua insensatez denominada menoridade para avançar em sua plenitude da razão denominada como maioria, para assim então de-

envolver por completo sua razão e assim garantir, por meio das responsabilidades éticas e morais, o avanço e bem-estar social.

A Anulação Da Genialidade

Atualmente, estamos em um momento crítico da sociedade intelectual, momento este onde somente os copiadores têm a palavra. A sociedade moderna está cada vez mais majoritariamente reativa, e faz muito tempo desde que surgiram indivíduos “geniais” com ideias incríveis e revolucionárias em áreas que não sejam apenas a tecnologia. Temos sido constantemente podados desde a infância para que não saíssemos do “padrão”, como se a escola fosse uma forma de bolo onde os que não crescerem nos moldes “padrão” desse bolo, serão descartados ou jogados de lado. Segundo Kant; “A educação

compreende também a passagem da natureza à liberdade, pois, sem uma educação que vise à maioridade, é impossível pensar que o ideal de liberdade se aproxima da efetividade” (BRESOLIN, 2016, p. 57). E até no ambiente familiar podemos ver isso, pais que foram alienados pelo sistema, passam adiante essa doutrina de “Cabresto”.

Cada vez mais, esse tipo de atitude tem limitado a intelectualidade de diversos alunos. Concordo que devemos aprender com os antigos pensadores, que estudaram diversas áreas e certamente não foi à toa. Isso é uma parte muito importante dos estudos. No entanto, até mesmo o filósofo central deste artigo, Friedrich Nietzsche, concorda que devemos estimular a autonomia, termo que foi bem explicado no livro de Joana; “O termo autonomia tem origem em duas palavras

gregas: autos (si mesmo) e nomotesia (a lei, a regra). Ele aparece nos textos antigos para definir a condição de uma cidade que não é submetida a uma dominação exterior.” (PEIXOTO, 2010, p. 278). Então, não devemos limitar os estudantes em demasia, pois como surgiram os maiores pensadores? Quase sempre saindo do estudo tradicional de alguma maneira, ou podemos dizer, pensando por si mesmos, saindo da caixa onde só aceitavam o que antigos pensadores escreveram.

Hoje, ainda temos um agravante para a autonomia do aluno: lidar com questões como bullying e preconceito, que são mais difíceis de combater, tendo em vista que muitos desses preconceitos são velados e de difícil identificação. Muitas vezes, acabamos criando um ambiente inóspito para o estudante. Alguns professores não aceitam

opiniões diversas, nem tentam explicar algo sobre o assunto, apenas dizem “Está errado” ou “Não é assim que fulano pensa”. Mas e como o futuro “gênio” pensa? Ninguém se importa? Eu me importo, e por isso faço questão de deixar aqui registrado minha indignação, pois estamos falando do Ensino da Filosofia e metodologias de ensino. Não consigo imaginar um tema mais propício para indagar a respeito. Um grande exemplo para o Brasil é Paulo Freire, que era um dos poucos que também se importava de verdade: “O educador é aquele que diz a palavra; os educandos, aqueles que a escutam docilmente; o educador é aquele que disciplina; os educandos, os disciplinados” (FREIRE, 2005, p. 68).

Estamos cansados de ouvir o professor falando coisas como: “Como dizia fulano, é isso, e vai cair na prova”, “Cicla-

no pensa assim, então todos devemos segui-lo cegamente”. Devemos focar em nossa força ativa e criativa, ou como diria Nietzsche, nossa “vontade de potência”, pensar fora da caixa. Muitas vezes, é isso que faz a diferença, até em situações corriqueiras do dia a dia. Poderíamos resolver diversas situações se olhássemos de cima, com uma visão mais ampla.

Vamos parar de ser meros copiadores, replicadores das mesmas ideias. Vamos pensar por nós mesmos, quebrar as correntes da manipulação. Essa força reativa de apenas reagir às situações que nos são apresentadas é coisa da grande massa. Não sejamos apenas mais um na multidão. Vamos ser diferentes, pensar por conta própria, e não apenas replicar impensadamente as ideias dos outros.

Vamos ser a força ativa

que muda o mundo, e não mais apenas meros espectadores ou, pior ainda, replicadores impen-santes. Vamos usar nossa capa-cidade de pensar de forma autô-noma e crítica, e ser agentes de mudança em vez de apenas se-guir passivamente as ideias dos outros.

Me disseram que eu não era capaz, que não devia tentar reinventar a roda, mas tenho cer-teza de que ainda há muitas coi-sas a serem criadas, pensadas ou descobertas nesse mundo. Ainda existem muitas coisas desconhe-cidas. A possibilidade do telefone celular, por exemplo, já existia há milhares de anos, só não sabía-mos como torná-la realidade. O primeiro que falou que isso seria possível com certeza foi chama-do de louco.

Talvez eu possa estar “sacrificando” minha relevância para com meus pares, contudo

acredito ser necessário esse de-sabafo, pois o tema me induz a essa reflexão. Acredito que atin-gi todos os conceitos necessários para esse trabalho. Dediquei este capítulo para essa explanação, para tentar, quem sabe, mudar um pouco dessa “crença” de que devemos continuar sempre da mesma forma, reativos às cir-cunstâncias, anulando assim a genialidade de alunos que tentam se expressar de maneira menos ortodoxa.

Continuarei seguindo o “padrão” estipulado, mas muito obrigado e desculpe se algo que disse soou negativo. Espero que não interpretem este texto de for-ma negativa.

Aprendizagem criativa e o alu-no protagonista

Para termos uma visão diferente sobre o assunto trago à

tona a autora Lilian Bacich e sua visão sobre a aprendizagem criativa e o aluno como protagonista. BACICH (2018) destaca que a aprendizagem criativa se caracteriza por um processo de construção de conhecimento que valoriza a imaginação, a curiosidade, a experimentação e a colaboração entre os alunos e com o professor. Nesse processo, o aluno é colocado no papel de protagonista de sua própria aprendizagem, sendo estimulado a buscar soluções criativas para problemas e desafios propostos.

Para BACICH (2018), a aprendizagem criativa tem como objetivo desenvolver competências e habilidades que são fundamentais para o século XXI, tais como a capacidade de resolver problemas complexos, de trabalhar em equipe, de comunicar ideias de forma clara e persuasiva, de pensar criticamente e

de adaptar-se a novas situações. Além disso, a aprendizagem criativa busca fomentar a criatividade e a inovação, que são cada vez mais valorizadas em um mundo em constante mudança.

Segundo BACICH e MORAN (2018), para que a aprendizagem criativa seja efetiva, é necessário que o professor assuma um papel de facilitador e de mediador do processo de aprendizagem. O professor deve criar um ambiente de aprendizagem seguro e estimulante, que proporcione aos alunos a liberdade e a confiança necessárias para explorar ideias e experimentar novas abordagens para a resolução de problemas.

Em resumo, a aprendizagem criativa defendida por BACICH (2018) se apresenta como uma abordagem pedagógica que busca desenvolver competências e habilidades fun-

damentais para o século XXI, valorizando a participação ativa do aluno como protagonista de sua própria aprendizagem. Nesse sentido, a aprendizagem criativa se apresenta como uma resposta aos desafios de um mundo em constante transformação, onde a criatividade e a inovação se tornam cada vez mais valorizadas.

Ainda podemos usar esse pensamento como uma espécie de contraponto a alguns pensamentos do Friedrich Nietzsche para ponderar nosso debate neste trabalho.

O papel da Educação

Qual seria a definição para responsabilidade da educação no Brasil; conforme a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes; “moldar as disposições presentes no homem de modo a propiciar a sua emancipação, es-

clarecimento e o aperfeiçoamento moral.” Mas essa moralidade mesmo que paradoxal na linha do tempo, não seria poupada do martelo Nietzscheano. Kant, mesmo tendo uma enorme confiança na razão e principalmente no poder da educação, sabe de suas dificuldades e limitações. Kant propõe uma razão e moral universal que leva principalmente à autonomia ou à realização intelectual, que na verdade objetiva como função educacional, visar para o bem geral, em outras palavras, uma sociedade moralmente mais avançada. Contudo, essa ideia moderna de razão que pode ser aplicável em diversas culturas é amplamente criticada por Nietzsche, tendo em vista que ele se contrapõe a essa disciplina da razão.

Uma sociedade que se baseia no iluminismo torna-se algo inconcebível para Nietzsche.

Ele não aceita essa ideia onde o indivíduo deve ter um emaranhado de ideias e crenças partilhadas por um conjunto universal, válido para todos. Uma única razão que norteia a todos e qualquer conhecimento, é claramente inconcebível. Toda essa percepção se baseia em ideias claramente iluministas.

Nosso atual ensino é muito pautado sobre as ideias de Kant, que acreditava em um processo educativo como uma espécie de interiorização da moral e do dever, que tinha como principal objetivo o desenvolvimento moral do homem, para então o encaminhar à emancipação de sua razão ou maioria. Todavia, Nietzsche era intensamente crítico a essas ideias, ele acreditava que isso fosse uma metafísica sem sentido, que mais restringia e direcionava do que libertava como era a proposta da

maioridade e ainda mais, acreditava ser uma negação da vida propriamente dita, uma anulação da potencialidade humana. Então Nietzsche propõe desvelar as bases da cultura ocidental que ocultava os interesses e valores reais. Assim criticava todos os “ídolos” como Nietzsche costumava dizer, quebrando todas as ideologias e crenças cegas que se colocavam como verdades absolutas. Uma expressão do próprio Nietzsche representa bem o que ele fazia com ideias limitadoras, ele as “explodia”; está em *Ecce Homo*: “Eu não sou um homem, sou dinamite” (NIETSCHE, 2008, p. 15).

Para Nietzsche nossos valores morais são humanos e por isso podem ser totalmente mutáveis e imperfeitos, não devemos ser essa homogeneidade que Kant gostaria. Se esses valores foram criados, logo podem

ser modificados e recriados se necessário. Então Nietzsche tenta retirar toda e qualquer possível transcendência na ideia da moral. E tão pouco tenta atrelar a educação esse papel moralizador, tanto do indivíduo quando da sociedade.

Nietzsche retira da educação seu papel moralizador, seja do indivíduo, seja da sociedade. Todavia, se em algum momento há em Kant a submissão a uma lei moral universal, ou seja, a razão cabe o papel de ordenar os desejos, em Nietzsche há uma singularidade dos pensamentos, sentimentos e impulsos, que determinam a ação. De acordo com Chies, para Nietzsche não há uma moral com valores válidos universalmente, um imperativo categórico etc. (ACOSTA, 2017, p. 186)

A responsabilidade da educação desde 1988 com a constituição federal, foi garantir uma educação formal para todas as crianças e adolescentes, responsabilidade essa que é dividida entre a União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios. E além dessa divisão, é categorizada em diversos setores espalhados por todo o Brasil. Tivemos diversos processos educacionais desde então, cada um com seus ideias e crenças para uma educação mais engrandecedora. Entretanto, conforme a CNN Brasil, a “educação brasileira está em último lugar em ranking de competitividade” diz um estudo elaborado pelo IMD World Competitiveness Center.

Essa foi apenas um dos diversos centros de pesquisas que apontam que o Brasil tem um sistema Educacional muito

inferior a vários outros países mais desenvolvidos. Fragoso escreve: “Como o estudante se liga à universidade? Unicamente pelo ouvido. Paradoxalmente, este ser autônomo, está umbilicalmente preso. Escuta e escreve, enquanto o professor fala.” (FRAGOSO, 2011, p. 277-293).

Então a pergunta é; a Educação no Brasil está no caminho certo? Devemos mudar alguma coisa? Será mesmo que esse sistema muito mais propenso a ideia Kantiana ainda é o melhor caminho para nossa educação? Não deveríamos liberar um pouco mais o pensamento para o lado Nietzscheano? Uma mudança de visão talvez?

Acosta descreve: “Nietzsche considera imperioso a necessidade e urgência de uma educação que desenvolva aquilo que é único em cada homem. A saber, suas forças e seus impulsos mais

elementares. Dito de outra maneira, sua vontade de potência.” (ACOSTA, 2017, p. 187)

Vontade de Potência

Neste capítulo será abordado a referência do livro “Assim falava Zaratustra”, talvez o livro mais icônico de toda a obra de Nietzsche, pois é nele que podemos tentar entender melhor o conceito de “Vontade de Potência”. “Tudo o que não pode obedecer a si mesmo é ordenado. Essa é a natureza das coisas vivas.” (NIETZSCHE, 2011, p. 113).

Um dos conceitos que também é dito no livro é “Comandar é mais difícil que obedecer”, mas o que ele está querendo dizer com tudo isso?

Normalmente suprimimos nossas vontades, nossos impulsos e acabamos por nos dei-

...xar levar pelas “correntezas da vida”, somos submissos ao que nos é frequentemente apresentado, pois apesar de claramente não ser a melhor escolha com certeza é a mais fácil, e é por isso que a maioria das pessoas se deixam levar. Contudo, enquanto houver vida, há uma vontade de potência, não de vida, mas de Potência ou Poder se preferir, um desejo latente e inerente ao ser humano.

No livro “Metodologia de Ensino da Filosofia” de Galo, ele diz: “O ensino da filosofia pode ser tomado em uma perspectiva ativa, que tenha por meta a emancipação intelectual daquele que aprende, a produção de singularidades, ainda que não seja possível controlar isso.” (GALO, 2020, p. 48)

Mais uma vez vemos a ideia da emancipação de Kant, porém, Nietzsche inicialmente se apega as ideias de Schopenhauer.

Entretanto para Nietzsche, essa Vontade de Potência não se encontra fora, mas sim dentro, na relação, podendo ser múltipla e se apresenta como um real acontecimento. É impossível uma força única ou algo indivisível, essa vontade de potência é sempre no plural. Tendo isto em vista, nosso mundo estaria em luta constante, sem equilíbrio possível, apenas tensão que se prova pelo movimento, às vezes sutil, outras vezes violento. Na filosofia podemos dizer que a Vontade de Potência é a capacidade que a Vontade tem de efetivar-se. Nietzsche entende que a vontade de potência não tem nada de transcendente ou algo que de um real sentido à vida.

Mas e o que tudo isso tem a haver com o nosso foco aqui que é o Ensino da Filosofia? Pois bem, fica claro que toda essa Potência pode ser facilmente

abafada por um sistema bancário,
como disse Acosta;

A vontade de potência, de autoafirmação, se manifesta na vida, em todos os seus movimentos instintivos sendo, portanto, um contínuo e insaciável impulso vital. A vontade é, para Nietzsche, criação de si e do mundo. Que possibilita ao homem o poder de criar novas possibilidades de vida; produzindo o real; desfazendo e dissimulando as falsas representações; por fim, afirmando a multiplicidade da vida e do devir criativo. Logo, sendo a vontade de potência característica inerente ao ser vivo, é possível pensar em uma educação voltada à potencialização do educando? (ACOSTA, 2017, p. 189)

O que esse impulso vital atrelado a um bom incentivo externo seria capaz de gerar em um bom aluno? Repito a pergunta, “É possível pensar em uma educação voltada à potencialização do educando?”

A Finlândia alcançou uma nota cem (100), perfeita, conforme o “Índice Agregado de Liberdade Mundial”, lá é um país baseado na liberdade de expressão e claramente isso reflete na hora de educar. Seu sistema de ensino é considerado como sendo um dos melhores sistemas de ensino do mundo. Eles ainda dão acesso à internet para todos como um direito legal do cidadão, ou seja, liberdade de expressão e acesso total as informações, seria isso uma receita de sucesso? Acredito que devemos nos espelhar em quem tem apresentado melhores resultados. Então uma pergunta melhor ainda, será que

o educando com acesso à informação, liberdade de expressão atrelada a sua vontade potência natural não seriam a resposta para uma nova metodologia de ensino no brasil? Fica aqui minha indagação e considerações devidamente embasadas.

O Ensino da Filosofia

Um dos maiores desafios para o ensino da filosofia, está atrelado ao fato de termos a missão de lecionar os conteúdos concernentes ao ofício intelectual para estudantes de outras disciplinas, que pouco valoram o tema. Pois a Filosofia muitas vezes é taxada pelo senso comum como uma matéria chata, entediante e sem sentido. Nossa missão é mudar essa percepção errônea, obvio que não é fácil mudar isso, e ainda mais sabendo que chegamos a esse ponto

por consequência de professores despreparados que não exerciam o seu papel como deveriam. No livro “Filosofia no ensino fundamental” de Karen Franklin tem uma frase que podemos usar para refletir sobre esse assunto;

“Nossas esperanças de criação de novos significados estão presentes quando filosofamos com crianças, pois, apesar de chegarem a um mundo pronto, elas apresentam novos olhares, novas percepções e novos sentidos para esse mesmo mundo. (FRANKLIN, 2016, p. 26)

Mas a pergunta é; será que esses professores também não foram vítimas do próprio sistema de poda do pensamento como nos referimos no capítulo anterior? Será que isso não vem sendo passado de geração

a geração, um ensino bancário e entediante? Onde o aluno só escuta, decora e replica para seus próprios alunos quando chegar a sua vez? Não estaríamos simplesmente perpetuando um ciclo de fracasso educacional?

Sinceramente não tenho a mínima pretensão de responder essas questões, sei que não tenho a capacidade e o conhecimento suficiente para isso, contudo, peço a você que lê este artigo e muito provavelmente mais gabaritado que eu a respeito, possa me convencer do contrário, seria muito reconfortante pensar que estamos no caminho certo, porém tenho a ligeira impressão de que essa não é a verdade.

Talvez a coisa mais próxima de uma resposta que consigo enxergar é a autonomia atrelada a Vontade de Potência que Nietzsche tanto fala a respeito. No mínimo intrigante a questão,

por que não irmos mais a fundo?

Bittencourt cita Schoepnhauer que foi uma das “inspirações” de Nietzsche para seus textos faz duras críticas contra esse sistema fechado do intelectualismo acadêmico replicador:

Para ocultar a falta de pensamentos verdadeiros, muitos constroem em imponente aparato de longas palavras compostas, intrincadas flores de retórica, períodos a perder de vista, expressões novas e inauditas que, no conjunto, resultam num jargão que soa o mais difícil e o mais erudito possível. Com tudo isso, porém, nada dizem; não se percebe nenhum pensamento, não se sente a inteligência aumentar, mas tem-se de suspirar (BITTENCOURT, 2015, p. 53 apud SCHOEPNHAUER, 2001, p.

34-35).

Pelo menos em nossas universidades deveríamos ter um pouco mais de autonomia para se expressar, no momento que escrevo esse artigo não posso deixar de pensar o quanto estou com “medo” das represálias, não posso deixar de pensar o quanto estou com “medo” da possível nota baixa devido o simples fato de estar expondo um pouco da própria opinião, mesmo que embasado em outros que já se expressaram anteriormente. Então eu me pergunto, será que outros alunos não estão com esse mesmo “medo” e estão sendo podados nesse exato momento que lhes escrevo?

Esse é o ensino da Filosofia? Talvez nesse momento alguns alunos do curso possam estar pensando; mas será que isso que é a filosofia? Estou no caminho certo? Tinha uma visão dife-

rente da matéria antes do curso, mas será que aquela opinião do senso comum faz algum sentido? Como posso ser um professor melhor ou ao menos diferente, se estou diretamente encaminhado como que para um matadouro de ideias, onde não posso nem ao menos expressar os meus pensamentos sem ter que recorrer a uma “muleta intelectual”? Quem é mais capaz, para julgar um pensamento diferente?

No livro “Didática e metodologia do ensino de filosofia no ensino médio” há um capítulo que trata um pouco a respeito da ideia de que devemos dar a devida “autonomia ou não” ao aluno;

“Essas são antinomias do processo pedagógico do ensino e aprendizagem. De um lado, está o sujeito, com a confiança que é depositada nos próprios recursos, o respeito ao desejo, o

interesse e o projeto subjetivo, bem como a valorização de seu processo de aprendizagem. De outro lado, está a autoridade daquele que ensina, a exterioridade da lei, do saber, das exigências da estrutura econômica, do sistema de ensino, do currículo prescrito, das normatizações do sistema oficial de avaliação etc. A opção por uma das duas teses poderia significar, por um lado, ter de admitir a autonomia do sujeito e de seus conhecimentos concebida como promoção do endógeno e, por outro, ter de aceitar a imposição das normas e regras ditadas pelos fatores externos ao sujeito.” (MENDES, 2017, p. 45)

Nesses anos no curso de

Filosofia aprendi muitas coisas interessantes, aprendi um pouco da história da filosofia e de seus “personagens” principais, suas ideias, suas teorias e conclusões, me apaixonei, contudo, quero ter as minhas, vocês me permitem? Acredito que a nota deste trabalho possa ser uma resposta plausível, por favor, se leu até aqui, e por acaso acredita que algo do que eu disse faz algum sentido para você, entre em contato, me fale sobre, quero realmente melhorar, mas quero ser livre, por favor me deixe ser livre, não posso ser apenas mais um, sem ao menos ter a chance de ser um professor diferente da maioria.

Os Pensamentos de Friedrich Nietzsche e Lilian Bacich

A educação é um tema recorrente na história da filosofia, e pensadores de diferentes épocas

têm refletido sobre a importância da educação para a formação do indivíduo e da sociedade. Entre esses pensadores, destacam-se Friedrich Nietzsche e Lilian Bacich, que, apesar de pertencerem a períodos diferentes da história, têm em comum o interesse pela educação e pela formação do ser humano.

Neste capítulo, proponho uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças entre os pensamentos de Nietzsche e Bacich no que diz respeito à educação. Para isso, analisamos algumas das principais ideias presentes em suas obras e buscamos traçar paralelos entre elas, bem como apontar as divergências e os desafios para a educação contemporânea.

Uma das principais semelhanças entre Nietzsche e Bacich é a ênfase na importância da criatividade e da autonomia

do indivíduo na educação. Para Nietzsche, a educação deveria ser uma busca constante pela verdade e pelo conhecimento, e isso só seria possível por meio da liberdade e da criatividade do indivíduo. Para Bacich, a aprendizagem criativa na escola propicia experiências significativas de aprendizagem, que vão além da simples transmissão de conhecimento e promovem a autonomia e a criatividade dos alunos.

Outro ponto em comum entre os pensamentos de Nietzsche e Bacich é a necessidade de uma abordagem interdisciplinar e participativa na sala de aula. Nietzsche era crítico do papel do professor como mero transmissor de conhecimento e defensor da autoridade, e defendia que os alunos deveriam ter mais autonomia e liberdade para explorar e desenvolver seu próprio pensamento. Bacich, por sua vez, apre-